

CÁCERES: PASSADO E PRESENTE EM GEOGRAFIA POÉTICA¹

Olga Maria Castrillon-Mendes

Panorama da história

No ano em que Cáceres comemora 241 anos a imagem da cidade no cenário de Mato Grosso é ressignificada, tanto pelas lentes do fotógrafo, quanto pelos enunciados que tentam elucidar as especificidades locais. O trabalho de fortalecimento da memória construída ao longo dos tempos tem contribuído para a compreensão de que as identidades culturais, mesmo as aparentemente mais sólidas, não são rígidas, mas móveis e ao refletir sobre os fundamentos e o processo evolutivo das sociedades todos nos tornamos parte das conquistas e dos desafios que sempre são interpostos pelas culturas hegemônicas em detrimento daquelas produzidas pela margem.

Sabe-se que Cáceres é parte do processo histórico mais amplo que teve início no ciclo dos bandeirantes paulistas, conhecido como ciclo do ouro, de que resultaram os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Levados pelos rios que correm para o interior, os paulistas alcançaram os espaços conhecidos como “sertões distantes” e fizeram desse avanço os primeiros fundamentos da presença portuguesa no Guaporé. Da investida bandeirante até Cuiabá e Guaporé foi criada a Capitania de Mato Grosso, em 1748.

A situação privilegiada da então Vila Maria (Cáceres) entre os dois centros populacionais mais importantes, somada à navegabilidade dos rios, região de terras férteis e à situação de defesa e incremento da fronteira, elevou-a a importante núcleo agropastoril, notadamente a partir da Fazenda Jacobina, conhecida como núcleo-base da formação de Cáceres e irradiador de outros estabelecimentos rurais no vale do Paraguai.

Diminuída a corrida do ouro, inicia-se o período da extração da borracha, peles, madeira e, sobretudo a ipecacuanha, dando início à vida urbana. Cria-se o município, em 1874, com o nome de São Luiz de Cáceres. Diz Natalino Ferreira Mendes que a economia se consolida com a formação de novos núcleos de produção espalhados pelo leste, nordeste, norte e sul do vasto território, sobressaindo a Fazenda Descalvados, no rio Paraguai; os estabelecimentos de Flechas, Paiol, Ressaca, Facão, Tapirapuã; os sítios de produção da chamada “morraria” – Taquaral, Formigas, Cachoeirinha e outros, que por

¹ Texto que compõe o livro *Cáceres: passado e presente de uma geografia poética*, de Rai Reis. Cuiabá: Ação Cultural; Carlini & Caniato Ed., 2020.

muitos anos abasteceram o mercado; a povoação de Barra do Bugres, que foi distrito de Cáceres, centro produtor de Ipecacuanha, desligando-se dele em 1994 para tornar-se também município; as fazendas do Pantanal e da fronteira com a Bolívia, bem como as usinas de açúcar e aguardente.

Marcas arquitetônicas que permanecem até hoje, são resquícios do movimentado comércio e de importantes atividades que consistiam em importação de mercadorias manufaturadas, nacionais e estrangeiras, e na exportação, em regular escala, dos produtos da região. Diz Gabriel Pinto de Arruda (1938, p.), que “da produção do solo [Cáceres] exporta a poaia, borracha, couros vacum, secos ou salgados, pelos e animais silvestre, penas de garças e de outras aves, baunilha, arroz, feijão, milho, farinha de mandioca e de milho, polvilho, toucinho carne seca, charque, línguas salgadas, açúcar, aguardente, rapadura, toras, tábuas, ripas e caibros, raízes e folhas de plantas medicinais, muitas frutas, dentre elas: bananas, laranjas, mangas, ananazes, abacaxis, etc; exportando também, gado vacum cavalari e muar, tendo sido já também iniciada a exportação de cocos”.

Tal intercâmbio comercial notabilizou o município. No início do século XX, Cáceres é ligada pelas linhas telegráficas sob o comando do Major Candido Mariano da Silva Rondon; chegam as Irmãs Azuis e os padres franciscanos que fundam escolas, o Colégio Imaculada Conceição e o Instituto Santa Maria, respectivamente, ícones da educação que permanecem com renovados padrões educacionais.

A partir da década de 1960 grandes transformações impulsionam o desenvolvimento da cidade: ligação rodoviária com Cuiabá, construção das pontes sobre o rio Paraguai e Cabaçal, facilitando o processo migratório já iniciado nos anos 1950. Com isso, a navegação fluvial arrefece e surgem novos núcleos populacionais. A cidade se transforma no polo regional de sustentação em todos os ramos do comércio e das finanças. A partir dos anos 1976 os núcleos começam a se desmembrar, exigindo um reordenamento de metas, ocasionando a reforma administrativa do município, a inserção de programas de atuação integrada com o contexto regional e nacional, dentre eles o Polonoeste, beneficiando toda a região. A cidade viveu períodos difíceis de transição, buscando sempre se reinventar como polo de comunicação com o mundo e de uma tão sonhada ligação das bacias amazônica e platina, pela própria localização estratégica que ocasionou sua origem.

O livro de Rai Reis

Uma lenda, registrada em poesia por Natalino Ferreira Mendes (1993, p. 16) conta que Cáceres surgiu da encantada contemplação de uma linda princesa das terras diamantinas do Alto Paraguai que descia o rio dos Paiaguá, num fabuloso barco ornado de vitórias-régias. Daí, talvez, a carinhosa denominação de *Princesinha do Paraguai*. Nobre, mas nem sempre digna de merecida corte. Diz a lenda que

encantada com a visão
das terras que se espriam
desde o rio
até a Serrania Azul
do lado que o sol nasce,
à praia abicou
no ponto em que o Paraguai
graciosa curva descreve
antes de procurar o sul.

[...]

Em êxtase ficou
voltada para o poente...
Alguns naturais acorreram
e, plantando suas choças
de folhas de palmeira,
fizeram-lhe a corte.

Assim nasceu Cáceres,
a princesa do alto Paraguai.

[...]

A visão poética que dá origem à epopeia romântica fundadora da cidade constrói a raiz do fabulário mítico de que se constitui a terra, o povo e a cultura plural de Mato Grosso. Banhada pelo caudaloso rio Paraguai, um dos formadores do Pantanal, reúne imagens que preenchem espaços-tempo de uma bicentenária paisagem constituidora de destacados lugares de memória, tanto pela aura simbólica da imaginação acionada a lembrar experiências, quanto por acontecimentos vividos individual ou coletivamente.

Determinado pela vontade instauradora do acontecimento da memória, o livro de Rai Reis reúne fatores inconscientes da construção desse imaginário, daquilo que resta de outros tempos e que podem (e devem) ser transmitidos pela vontade da sociedade, transcendendo ao próprio registro. A lente com que o artista congela os fragmentos imprime sinais que superam o simples foco da câmera. Traz a magia do olhar de quem opera a máquina com sensibilidade estética. É pura estesia com a qual o leitor/observador, ao folhear o livro, flagra instantâneos da memória material e imaterial cristalizada pelos

grupos que se identificam ou se reconhecem (ou não), possibilitando a existência de um *sentir-se pertencendo a*. Não é só o conjunto das serras, ondeando infinitas paisagens, nem tampouco o serpentear do rio ao abraçar a cidade no rico fascínio do cais do antigo porto, mas também o conjunto estético do irregular traçado das ruas, dos flagrantes dos botecos e bolichos, das cadeiras nas calçadas e do fabular à beira do rio, frente ao encantador e poético por-do-sol. Tudo isso, somado às subjetividades do artista, é que faz a cidade surgir em meio à geografia poética, modulada pelo discurso da/sobre nossa origem e os modos pelos quais passamos a significar na humanitária relação com o mundo.

As imagens sussurram tempos, movem passos por entre o chão batido, as pedras dos bloquetes, ou do calorento asfalto, pistas por onde circulam gentes, bicicletas e veículos motorizados em movimentos de um concerto orquestrado por diferentes vozes e sons, muitas vezes confusos, mas sempre representativos do vital burburinho que nos move. São momentos em que a vida supera a arte e religa o divino ao humano.

O livro é, então, uma prece e uma profissão de fé; um ato de amor e um objeto materializado em variadas formas de representação. Ao mesmo tempo, é um libelo à geografia que rememora a singela imagem da princesa que, poeticamente, desce o rio num “airoso barco ornado de vitória-régia”, deixando-se seduzir pelo local. Talvez na lenda resida o ar senhorial presente no conjunto arquitetônico do casario central da cidade com o qual se revestiu o passado colonial que resiste ao tempo e às intempéries do progresso pelo qual a cidade se mantém como símbolo da presença portuguesa, no século XVIII.

A cidade em imagem e no imaginário

O plano estratégico que colocou Cáceres como o encontro de caminhos entre Cuiabá e Vila Bela, congregou dois aspectos necessários para aquele momento histórico: o povoamento e a obra civilizatória, determinando o processo de apropriação com o qual se configurou, política e socialmente, o espaço geográfico de Mato Grosso, colocando-nos diante de discursos que nos constituíram historicamente. A história se une à poesia no exercício constante de presentificação do passado. Diz o poema:

É o tempo das conquistas. Portugal
E Espanha, pela posse enfim das terras
Além de Tordesilhas, se combatem.
A gente de São Paulo – os Bandeirantes –
Vencendo mil perigos, destemidos,

Além do Guaporé vão desbravando,
Tangidos por tenaz e fria audácia;
Atraídos, também, pela miragem
Do célebre Eldorado, que haveria
Para além do sertão da nova terra. [...]

Albuquerque aí vem... Ele é o quarto
Entre os governadores que tivera
Nossa Capitania, desmembrada,
Há pouco, de São Paulo... Albuquerque,
O homem de visão para o momento! [...]

Então o mês de outubro, sexto dia,
Uma nova semente é lançada
Na margem do soberbo Paraguai:
- VILA MARIA surge humilde e só
Na vastidão dos campos e florestas!
Sentinela avançada do ocidente,
Consagrada a São Luiz, o Santo Rei,
Viveu só e por si por muito tempo,
De seus próprios recursos, abundantes
No seu solo feraz que Pluto habita... [...]

Natalino Ferreira Mendes. Cáceres. In: *Anhuma do Pantanal*: poesia da terra, p. 13-15, no 179º aniversário de sua fundação, em 06/10/1959).

Conquista de terras e apresamento de indígenas fez da Cáceres Oitocentista, a guardiã da fronteira oeste brasileira, a “sentinela avançada do ocidente”. No encontro de caminhos entre Cuiabá e Vila Bela, serviu de entreposto comercial e de porta da navegação pelo rio Paraguai, caudaloso manancial que transportou riquezas, pessoas e deu vida aos ribeirinhos. Ao robustecer o seu curso com outros mananciais como o Sepotuba e o Bugres, acima, e o Jauru e Cabaçal, no caminho que demanda a Corumbá, até o sul-atlântico, a vocação da cidade se torna transparente e a vida acontece em seu extenso trecho totalmente navegável. No abraço festivo com que enlaça a cidade, recebeu o conquistador e dá as boas vindas ao turista; defendeu-a da investida paraguaia pelos camalotes, no episódio da passagem da Tapagem, durante a Guerra da Tríplice Aliança; conheceu a glória de conduzir o comércio da Ipecacuanha, famosa riqueza natural de suas matas e fez, da chegada e da partida do vapor Etrúria, o acontecimento mais concorrido de suas margens.

Um longo apito ecoa sonoro!
- Etrúria!... Diz o povo emocionado.
Já o porto de gente está apinhado:
- Eis, na volta do rio, o barco airoso.

Anos mais de cinquenta, no passado,
Ligaste a Corumbá, Vapor formoso,
A urbe de Albuquerque (nome honroso!)
- Único meio de transporte usado.

Assim tanto te uniste à nossa vida
No abraço da chegada e da partida,
Que símbolo já eras da cidade.

Etrúria!... O Paraguai está vazio...
Fecharam-te o cais... Mas tu, navio,
Continuas vivendo na saudade.

(Natalino Ferreira Mendes, 1993, p. 59)

O século XX encontra Cáceres em pujante crescimento econômico, principalmente, pelo cultivo e exploração da poaia, erva nativa das ensombradas matas, o ouro negro que abriu a região para lucrativo comércio. De difícil cultivo, a ipecacuanha, como é conhecida no meio científico, alimentou a história e o imaginário popular.

Na assombrada mata da Poaia
Mal conhecida, outrora, dos mateiros,
Um monstro temeroso, em sobressalto
Traz os intrépidos Poaieiros.

É um monstro de forma humana
De longos pelos dotado,
Alto, forte, horripilante,
Em um só pé apoiado.

Seu nome: Pé-de-garrafa!
Pois seu casco imita o fundo
Da garrafa sobre o solo.
Não é bicho deste mundo! [...]

Natalino Ferreira Mendes. Pé-de-garrafa. In: *Anhuma do Pantanal*, p. 55-56.

Tanto pelo movimento das conquistas bandeirantes, como pelos discursos produzidos que se interpenetram para apagar memórias existentes e construir outras, Cáceres faz parte de um cenário histórico que engrandece Mato Grosso. Há, portanto, ao longo de sua bicentenária história, uma força retórica determinada pelas formas dos discursos que traçam mapas e diretrizes humanas, estabelecendo a relação colonizador/colonizado que teve por base a posse de terras e criação de novos espaços de sentido. Essa condição faz pensar que, como guardião da fronteira participou, acima de tudo, de atos de legalidade política pela eficácia do imaginário. Por isso, Luiz de

Albuquerque, o fundador da então Vila Maria é designado para ampliar o exercício da diplomacia, o que lhe valeu a glória de anexar à cartografia nacional a maior extensão de terras conquistadas no período colonial.

Virgílio Correa Filho (1959), historiando sobre a formação de Mato Grosso, escreve que os capitães-generais eram individualidades que sabiam atuar com *descortino e exemplar dedicação*, conforme as conjunturas, que raramente poderiam aguardar as difíceis comunicações com Lisboa, pois acostumados com as estreitezas dos domínios portugueses se sentiam “esmagados” pela capitania *tão vasta, tão inculta*. Desta feita, os atos dos administradores representaram a extensão da voz do centro polarizador das ações. Explica-se, assim, que o discurso político colonial se caracteriza por uma retórica de apropriação em que o sujeito se transforma naquele do qual ele ocupa o lugar, dadas as condições que o legitimam como fala Eni Orlandi (1987).

Ao governador cabia assegurar os atos oficiais que preconizavam a segurança da fronteira e navegação dos rios e trânsito de canoas que caracterizaram o movimento de apropriação dos espaços. Assim, os locais se transformam pelas fortalezas de defesa, o Forte do Príncipe da Beira, no Guaporé, Nova Coimbra e Miranda, na parte sul do antigo Estado uno, formando estruturas que fixaram os lugares e a memória.

Ligando-se ao sentido de fronteira sudoeste, Cáceres manteve-se fiel à sua vocação, preconizada na ata de fundação:

neste distrito do rio Paraguay e margem oriental d'elle, no lugar onde presentemente se dirige a estrada que se seguia à Cuyabá desde Villa Bella [...], para com efeito fundar, erigir e consolidar uma povoação civilizada, aonde se congregassem todo o maior número de moradores possível, compreendidos todos os casaes de índios castelhanos proximamente desertados para estes Domínio Portuguezes da Província de Chiquitos [...]; cuja povoação, segundo as ordens do dito, se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Majestade, Villa Maria do Paraguay, - esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e comodidade publica aos motivos da sua fundação (Ata de fundação de Cáceres. In: MENDES, 2009, p. 27-29).

A recente povoação “civilizada” consolidava o sentido de fronteira. Como dado eminentemente geográfico fronteira é um dado econômico, pois Portugal vislumbrava, através de Tordesilhas, a possibilidade de futuramente vir a obter riquezas destas regiões até então desconhecidas, mas pode ser visto, também, como algo que se completa, define e especifica o país, assegura o instinto de propriedade tão natural e imperioso nos povos,

como nos indivíduos. No movimento das conquistas diplomáticas, a fronteira faz-se nos limites que, naturalmente, os homens põem entre si.

As comissões demarcadoras fizeram o trabalho técnico que, no caso das nossas fronteiras, ofereceram dificuldades de interpretação ao se depararem com os acidentes naturais como rios, campos alagados dos pantanais, que serviram de base para a delimitação. Nesta fase são colocados Marcos de valor jurídico e alcance político, com efeitos que se esperavam fossem permanentes.

O marco do Jauru, símbolo desse Tratado, cujo monumento encontra-se assentado na praça principal da cidade, ostenta em uma de suas faces a memória dessa discursividade: “a justiça e a paz se oscularam” (*Iustitia et pax osculatae sunt*). Duas formas do real existente marcam o lugar de memória simbolizado pelo entendimento e pelo marco/monumento: o rio (Jauru, na época, o balizador do Tratado), delimitando a fronteira natural, o discurso (Tratado) que transforma a posse em matéria de legalidade política e administrativa, discursos políticos que se aliam à poesia, síntese do imaginário social desse processo histórico.

Guardando velhos arcanos
Da gente antiga, valente,
- Dos Lusos e Castelhanos,
Como um gigante impotente
Jaz na praça principal,
Desta terra hospitaleira,
Em frente da Catedral,
Velho Marco de Fronteira [...]

O Tratado comemora
De setecentos cinquenta
Celebrado em boa hora
Com Castela sempre atenta;
Disciplinando a expansão
Dos dois reinos colossais,
Que se valem da ocasião
Dos parentescos reais!

Na face, que o sul contempla,
Desse Marco de Fronteira,
Há um lema que acalenta
Esta terra brasileira:
- “Justiça e Paz se oscularam”
Nestas plagas sem rivais...
- Grande exemplo nos legaram
Nossos fiéis ancestrais. [...]

Natalino Ferreira Mendes. Marco do Jauru (comemorativo do Tratado de Madri, de 1750). In: *Anhuma do Pantanal: poesia da terra*, p. 26-27.

Colocado em frente à Catedral de São Luís, de estilo neoclássico, o Marco pereniza a fé e a política e compõe, no conjunto da Praça, um discurso histórico-cultural que não passa despercebido aos moradores e visitantes, embora guarde sentidos diversos para quem o contempla. Desta forma, na constituição da fronteira de Mato Grosso, a história, a memória e a poesia constróem diferentes representações linguísticas que revelam diferentes formações discursivas relativas ao funcionamento do discurso do poder e dos mecanismos que acionam para promover o assujeitamento à ideologia.

Então, entre a memória da terra e das gentes, Cáceres surge entre retalhos tecidos por sensações e imagens que se juntam em escrituras do chão mais íntimo unem vozes e símbolos que formam suas identidades. O espaço da cidade é campo da vida social e dos circuitos de afetos. Possibilita mobilização ou ideias e experiências que criam conexões e redesenham as condições culturais.

Olhares plurais

A cidade assim redesenhada é agenciadora das subjetividades para uma reinvenção da vida. Lugar de enunciação em que se recria, pelo discurso e pelo imaginário, espaços de vivências, valores e conflitos.

Unindo olhares sobre sua urbe, como aqueles registrados por outros escritores, como D. Aquino e Ulisses Cuiabano, a poesia diz muito do sentido de identidade e de pertencimento à terra que norteou os escritores da primeira metade do século XX.

Diz D. Aquino Corrêa:

Essa que aí vês, à flor da bruta praia,
Vila Maria apelidada outrora,
Foi a primeira que a onda paraguaia
Beijou neste áureo tálamo de Flora.

Em suas matas virgens, Pluto mora,
No tapete aromal da verde poaia,
E além, na aberta do seu campo afora,
O belo gado inúmero se espraia.

Hoje o seu nome rememora ao mundo
O grande que a fundou, gênio fecundo,
Novo Hércules de feitos opulentos.

E o amplo rio, a cismar a sós consigo,
Como um fragmento de poema antigo,
Cáceres! Cáceres! Murmura aos ventos.

E Ulisses Cuiabano:

Toda garrida e meiga, irradiando
Um sorriso grácil de simpatia,
Cáceres – a cidade da alegria,
O nosso coração vai conquistando.

Beija-a, faceiro, o Paraguai e, quando,
Todo repleto de galanteria
Os pés da heril princesa acaricia,
Um rosário de amor vai desfiando.

Luiz de Albuquerque, o grande Capitão,
Quando lançou, no extremo oeste, a pista
Da Lusitana civilização,

Foi de uma audácia excelsa e varonil
- Firmando das Bandeiras a conquista
- Dilatando a grandeza do Brasil

Natalino Ferreira Mendes. Cáceres na lira do poeta Ulisses Cuiabano. In: *Memória cacerense*, 1998, p. 15.

Pela estrutura fixa do soneto é recriada a essência histórica da cidade, representação do artista empenhado, do culto às belas letras com as quais se penetra a essência do belo, em cuja percepção o espírito se deleita, na manutenção da estreita relação com a capital, o que possibilitava aos escritores a saudável relação de produção e a partilha.

A política getulista da segunda metade do século XX surge através de projetos, cujos objetivos miravam a ocupação dos “espaços vazios”. Nasce Brasília, dando a nova configuração do mapa do Brasil. Levas de migrantes se movimentam rumo ao novo Eldorado, com promessa de ocupação de terras, principalmente, no norte do Estado. São frentes que impulsionaram mudanças de estratégias desenvolvimentista do “velho” Mato Grosso. Cáceres se reinventa como polo de saúde, de turismo e de educação com a criação do Instituto de Ensino Superior (IESC), embrião da Universidade do Estado que, paulatinamente, abraça o território em 13 *campi*, núcleos e programas de licenciaturas parceladas, tornando-se a potência política e educacional que é hoje.

A gente, que para cá se deslocara, lançou-se à luta e da exuberância deste solo tirou a subsistência, fazendo, do excedente, lucrativo comércio, baseado no tripé da sustentação: agricultura, pecuária e extrativismo animal e vegetal. Hoje, passados tantos anos, voltamos ao ponto de partida em novas dimensões: Cáceres projeta-se no cenário mato-grossense, nacional e mesmo internacional, pela inigualável posição que ocupa o cruzamento de estradas, na cabeceira do Pantanal

e com o potencial telúrico de que dispõe. Volta a ser, como queria Albuquerque, uma porta de comunicação não só com São Paulo, mas com o mundo. Tanto cresceu Cáceres nos anos setenta, que houve a grande explosão, dividindo-se o nosso vasto território em novos centros de produção e comércio, formando a constelação de municípios que povoam e civilizam a região sudoeste de Cuiabá (MENDES, 1998, p. 30-31).

Em muitos aspectos a cidade se transformou, sofreu as crises do abandono e a sua tradição bicentenária grita pela recuperação do notável patrimônio material e imaterial gravado na memória social. Novas investidas e novas posturas clamam por atitude cidadã e projetos verticalizados.

O que, então, o olhar absorve deste pedaço de chão que se escolhe para morar e amar é o resultado da multiplicidade de gestos, de registros e vivências captados por variadas lentes como as que se encontram neste livro formado por palavras e imagens unidas para orquestrar variados sentidos.

É passar lentamente as páginas do livro para se ver marcado o encontro/encanto com a vida. Não só o cacerense nato, mas aqueles que adotaram o lugar sentem-se tomados de certa nostalgia. Os primeiros, pelas sensações do já visto, lembrado e vivido; o migrante, pelo reconhecimento de cada fragmento da memória do outro, mas que é também parte da sua própria memória. O sentimento que perpassa o olhar é de magia, mas é também de provocação. As cores e espaços são mágicos, deleitam a alma; o que se depreende de cada imagem é parte da construção individual e coletiva com as quais se compõem quadros repletos de histórias a serem reescritas pelas gerações que se sucedem.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gabriel Pinto de. *Um trecho do oeste brasileiro*. São Luiz de Cáceres, Mato Grosso: Rio de Janeiro, 1938.

CASTRILLON-MENDES, Olga M. *Discurso de constituição da fronteira*. In: www.unemat.br/editora, 2007.

CORREA FILHO, Virgílio. xxxxxxxxxxxxxxxxx

CORREA, Francisco de Aquino (Dom). *Poética: Terra Natal*. Comemorativa do Centenário de nascimento do autor. Brasília/DF, 1985.

MENDES, Natalino Ferreira. *Anhuma do Pantanal: poesia da terra*. Porto Alegre: Pe. Berthier, 1993.

MENDES, Natalino Ferreira. *Memória cacerense*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 1998.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: História da administração municipal*. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2009.

MENDES, Natalino Ferreira. *Pássaro vim-vim*. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2010.

MENDES, Natalino Ferreira. *História de Cáceres: origem, evolução, presença da força armada*. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2010.